

## **Posfácio**

Parecia uma tarde comum como tantas outras. O mês era agosto e o ano 2014. Entrei em uma nova turma para lecionar Educação Brasileira como fazia há alguns anos. Em meio a tantos olhos que me fitavam, me detive, particularmente, em um rapaz muito jovem, de olhar curioso e sorriso aberto. Biólogo por formação, ele cursava as disciplinas pedagógicas da licenciatura para se tornar professor. E eu, que havia estudado nas aulas de Psicologia Educacional a importância da motivação para a aprendizagem do aluno, me vi refém daqueles olhos e daquele sorriso. Atração fatal. Amor à primeira vista.

Não foi difícil demovê-lo do intento de realizar seu mestrado em Genética e encaminhá-lo para a Educação. Após alguns meses, classificou-se em primeiro lugar na linha de pesquisa História, Sujeitos e Processos Educacionais do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e, sob minha orientação, elaborou uma dissertação brilhante sobre a escola onde havia realizado parte de sua educação básica: o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Nesse trabalho, mobilizando fontes orais e institucionais, trouxe à tona a luta do movimento estudantil na instituição durante as décadas de 1960-70, durante a Ditadura Civil-Militar que se abateu sobre o Brasil por duas longas décadas.

Rodrigo Borba foi meu último orientando – o meu caçulinha – como costumo chamá-lo. Às portas da aposentadoria, não abri vagas para o doutorado e o menino seguiu seu destino, conciliando a formação de historiador da Educação com a prática de professor de Ciências. Sua pesquisa de doutorado, orientada pela professora Sandra Escovedo Selles, na Faculdade de Educação da UFF (Universidade Federal Fluminense), é o objeto do livro que agora vem a público sob o título *Nilza Vieira: uma professora de Ciências inesquecível*.

Rodrigo narra com maestria a história de vida da professora Nilza Vieira, formada em História Natural pela Universidade do Brasil (atual UFRJ), que lecionou a disciplina escolar Ciências em escolas públicas do Rio de Janeiro entre o início dos anos 1960 e o final dos anos 1990. Os méritos de sua pesquisa são vários, mas a principal qualidade do trabalho, afóra a excelente escrita do autor, é a forma problematizada, contextualizada e crítica com que Rodrigo cruza as memórias da personagem com outros tipos de fontes, como entrevistas, documentos institucionais,

fotos, notícias veiculadas na imprensa e os livros didáticos produzidos pela docente.

As opiniões de ex-alunos e alguns colegas sobre Nilza Vieira nem sempre eram consensuais. Alguns depoimentos são bem críticos, revelando características da docente que outros tentaram amenizar ou silenciar. Porém, Rodrigo trabalha muito bem com essas contradições e escapa de fazer um trabalho hagiográfico – o grande risco de se biografar pessoas a quem admiramos ou passamos a admirar ao longo da pesquisa. Com todos os problemas que uma história de vida possa suscitar, o fato é que Nilza Vieira inspirou alunos e estagiários a se tornarem “bons professores”. Nessa perspectiva, ela pode ser considerada uma mediadora cultural no sentido atribuído por Sirinelli<sup>48</sup> em sua análise sobre os intelectuais.

O trabalho com referenciais teórico-metodológicos adequados é outro grande acerto. As discussões sobre memória e sujeitos periféricos se alinham a tendências historiográficas relativamente recentes no sentido de iluminar sujeitos que não possuem grande repercussão regional/nacional, mas se distinguem no campo profissional e por isso se tornaram “inesquecíveis” para os que com eles conviveram. Em momento algum o contexto político/educacional foi esquecido, na medida em que o autor enfatiza a reverberação do movimento da Escola Nova, que se traduz nos trabalhos com experimentação nas aulas de Ciências, além da emergência do predomínio dos estudos científicos após a Segunda Guerra.

Outro grande mérito desta obra é operar a interface entre História da Educação e ensino de Ciências, utilizando-se de clássicos como Goodson<sup>49</sup> e Chervel<sup>50</sup> para discutir currículo e disciplinas escolares. Torna-se valiosa, portanto, sua contribuição para o campo educacional ao revelar as aproximações entre as áreas da História, do Currículo e do ensino de Ciências. E essa interface se dá de forma absolutamente natural por meio de uma narrativa que toma como sujeito central a professora

---

48 SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (org.) **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

49 Ver, especialmente: GOODSON, I. F. **Currículo: Teoria e História**. Petrópolis: Vozes, 1995; GOODSON, I. F. **A Construção Social do Currículo**. Lisboa: Educa, 1997; e GOODSON, I. F. **O Currículo em mudança**. Porto editora, 2001.

50 CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, v. 2, p. 177-229, 1990.

Nilza Vieira: uma professora de Ciências *inesquecível*

“inesquecível”, que através de suas “três vidas” – docente, ambientalista e curricularista – de fato ocupou um lugar destacado no âmbito daquela comunidade disciplinar.

Este livro merece e precisa ser lido por alunos de graduação, pós-graduação, pesquisadores e por todos aqueles que se interessam pela história do ensino de Ciências no país. Parabéns ao autor, Rodrigo Borba, por quem tenho enorme admiração e carinho e à sua orientadora, Sandra Selles, pela competência com que orientou um trabalho acadêmico de tamanha relevância.

**Sonia Maria de Castro Nogueira Lopes**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 2022*